

## O PENSAMENTO FRACO<sup>1</sup>

**José Rogério Rigo<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa realizada do curso de mestrado em Educação nas Ciências

<sup>2</sup> Bolsista CAPES, aluno do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI

Conforme Gianni Vattimo, vivemos uma espécie de koiné hermenêutica, isto é, uma espécie de família comum que reúne diversos filósofos, que “são pensadores hermenêuticos, não apenas Heidegger, Gadamer, Ricoeur, Pareyson, mas também Habermas e Apel, Rorty, Charles Taylor, Jaques Derrida e Emmanuel Lévinas” (VATTIMO, 1994, p 13), o que de acordo com o autor, congregando tantos autores com pensamentos diferentes, mas reunidos sobre o termo difuso de hermenêutica “termina por ser qualquer coisa de inócuo e, frequentemente, fútil” (VATTIMO, 1994, p 13).

Querer definir, ou conceituar hermenêutica, seria, no mínimo, uma incoerência, porque ela teoriza justamente sobre a interpretação, o direito de interpretar, ou como escreve Vattimo: “os direitos de interpretação se configuram mesmo com a liberdade de reconstruir uma forma histórica de fato [...] a liberdade da interpretação é outra coisa que arbítrio, comporta risco e responsabilidade” (VATTIMO, 1994, p 14), por isso não querendo ter a fidelidade ou a presunção de construir a melhor teoria sobre hermenêutica, tem-se o cuidado de não colocar fora “um patimônio de idéias que – claro também com base em determinada interpretação daquilo que podemos ter aí encontrado - parece produzir muito, mesmo quando não o faça” ( VATTIMO, 1994, p 14).

Para Vattimo, há uma espécie de arco hermenêutico que vai de Heidegger a Gadamer, e que deve ser pensado através de sua vocação niilista. Este seria uma espécie de desenvolvimento que permitiria elaborar estes problemas de fronteira e repensar o sentido “originário”, original, da hermenêutica. Este desenvolvimento, possibilitou a formação que o filósofo cunhou como pensiero debole, ou ainda, como tem se traduzido para o português, como pensamento fraco, o qual desenvolveremos a seguir.

Gianni Vattimo, para fundamentar o que ele chama de “pensamento fraco”, parte de uma interpretação de Nietzsche e de Heidegger; nos quais, poderíamos dizer que através do niilismo nietzscheano relê a dissolução do ser na visão ontológica heideggeriana, ou, em outras palavras, uma leitura nietzscheana da filosofia de Heidegger.

Ademais, creio eu, Vattimo traz de Heidegger somente o caráter de desfundação para sua ontologia hermenêutica da fragilidade do ser. Para o autor em questão, Hans Georg Gadamer é o único filósofo que permite pensar uma fragilidade do ser em Heidegger.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

Dando sequência a estas proposições, a modernidade só poderá ser ultrapassada pela superação. Assim sendo, Nietzsche fala de uma filosofia do amanhã (sem um *grund*), e Heidegger fala no aniquilamento do ser na medida em que se torna valor. O niilismo para Vattimo é o nosso destino, e, assim, acreditamos que Vattimo tenha buscado tanto em Nietzsche como em Heidegger “fundamentos” reflexivos para oferecer um status filosófico a sua nova hermenêutica do “desfundamento” do ser. Nestes dois pensadores, Vattimo encontra a possibilidade da reflexão do “pós” de tal modo que nos tempos de superação da modernidade, instigue a comunidade dos filósofos a escutarem, sem preconceitos, o discurso oferecido pelas artes e pela antropologia cultural. Para Vattimo, a questão pós-moderna, pensada através de Nietzsche e Heidegger, tenta “distanciar-se criticamente do pensamento ocidental enquanto pensamento de fundamento; de outro modo, porém, não podem criticar este pensamento em nome de uma outra fundação, mais verdadeira” (VATTIMO, 2007, p VII). Na perspectiva de Vattimo, consiste nisto a possibilidade de se denominarem como filósofos pós-modernos.

Dito isto, Vattimo, portanto, baseando-se nas filosofias de Nietzsche e Heidegger, diz ser possível dissolver a história, pois esta, na sua fortaleza metafísica como História da Salvação, ou ainda, na forma como é concebida pela Modernidade, como “idéia de história, com seus corolários, a noção de progresso e a de supreção” (VATTIMO, 2007, p IX) acaba por demonstrar-se como lenda, ou seja, a história enquanto forte (caráter metafísico) não passa de apenas uma das diversas maneiras de se ver a realidade (realidade esta, que é apenas um conjunto de metáforas). Percebe-se também, que a razão moderna, na sua percepção ingênua, sempre acaba levando a humanidade para um “destino” catastrófico, como por exemplo, as duas grandes guerras mundiais, bomba atômica, doenças incuráveis, etc. Vattimo vê que os filósofos Nietzsche e Heidegger, nessas situações, convidam-nos a voltar às “origens” (não no sentido de se recuperar uma genealogia pura, sem erros), mas, para a partir de lá, iniciar uma “pós-história”, ou ainda, uma possibilidade de experiência de fim da metafísica. Para fins elucidativos, a história para os metafísicos é entendida de modo fixo, enquanto que para os “pós-modernos” ela é dissolvida nas multiplicidades históricas. Igualmente, reconhecer o pós-moderno caracterizado “não apenas como novidade em relação ao moderno, mas também como dissolução da categoria do novo, como experiência de ‘fim da história’, mais do que como apresentação de uma etapa diferente, mais evoluída ou mais retrógrada, não importa, da própria história” (VATTIMO, 2007, p IX).

Com a intenção de apresentar brevemente o pensamento do filósofo italiano Gianni Vattimo, diz ele: “historicamente”, estamos presenciando tempos de pós-história, uma vez que este momento é demonstrado pela maneira como a razão vem se comportando diante do “sujeito”, isto é, a razão continuamente aponta para a sua superação. Além disto, na alegoria do lampejar, Nietzsche e Heidegger abriam caminho para se pensar a debilidade do “ser” como possibilidade de uma experiência de verdade não mais metafísica, mas que agora, expressa-se também, principalmente como uma experiência de verdade “estética” e “retórica”.

A possibilidade de uma leitura pós-moderna do mundo na filosofia de Vattimo, aponta, mesmo que de maneira fraca, almejar ser um modo de reivindicar a verdade, impondo-se com as seguintes

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

características: quer ser um pensamento de “fruição”, de “contaminação” e de “superficialidade”. Assim, encontramos os elementos de formação de seu pensamento: o enfraquecimento do ser que é o elemento que nos faz compreender os traços da existência do ser humano no mundo contemporâneo.

Nas palavras do próprio Vattimo, podemos nos situar de maneira mais fiel quanto àquilo que o mesmo coloca com relação ao seu pensamento: “A minha inspiração religiosa-política inspirou uma filosofia atenta aos problemas da sociedade. O meu é um “pensamento fraco” que pensa a história da emancipação humana como uma progressiva redução da violência e dos dogmatismos e que favorece a superação daquelas extratificações sociais que deles derivam” (VATTIMO, 2001, p 49). Frequentemente, há críticas sobre o pensamento fraco, especialmente sobre como poder construir mundo comum. Quanto a isto, Vattimo pensa em termos de participação e toma como exemplo a ação comunicativa de Habermas onde “a verdade ou a racionalidade podem ser concebidas somente em termos de comunicabilidade de questões, de persuasão etc.” (GIRARD e VATTIMO, 2010, p 74).

Assim sendo, a comunidade tem valor importante para a produção da ação comunicativa, tendo somente a advertência, para que esta não produza vedades metafísicas pois produziria a violência. A comunidade somente “se torna um critério no momento em que me dou conta de a história do Ser é destinada a reduzir-se, a diminuir de força e importância e a desconstruir a violência” (VATTIMO, 2010, p 75).

Finalizo com o pensamento de Mário Osório Marques, que em seu livro “Conhecimento e Modernidade em Reconstrução”, apresenta a ação comunicativa de Habermas em consonância com a disposição de comunidade, encontrando, justamente, a perspectiva de Vattimo, ou seja, “uma comunidade concreta disposta a argumentação” (1993, p 99), e na mesma perspectiva adverte que a argumentação não é simplesmente “advertir ou persuadir a alguém de algo, mas é chegarem os interlocutores a um entendimento novo de algo, entendimento cooperativamente produzido, já que resulta não da vitória de um dos contendores sobre os demais e não é a simples soma dos diversos pontos de vista, mas reconstrução coletiva de um consenso, que não seria verdadeiro se não significasse o entendimento de cada um” (1993).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIRARD, René; VATTIMO, Gianni. Cristianismo e relativismo. Aparecida-SP: Santuário, 2010.

MARQUES, Mário Osório. Conhecimento e modernidade em reconstrução. Ijuí: Unijuí, 1993.

VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. A tentação do realismo. Rio de Janeiro: Lacerda, 2001.

\_\_\_\_\_. Para além da interpretação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.